“O Audiente”

Era um mundo como qualquer outro, repleto de vida, de ciclos intermináveis de nascimento e morte, de sonhos realizados e esperanças frustradas. Lá no alto, além do alcance da mente humana, Deus observava tudo com olhos antigos, não movido por piedade, justiça ou compaixão, mas apenas pela curiosidade sem pressa de um espectador entediado.

Ele não era bom nem mau. Ele não julgava e tampouco intervinha. Deus era o eterno observador, um viajante do tempo imutável que via tudo sem alterar nada. As orações, os clamores, os gritos de desespero e os sorrisos de triunfo não encontravam eco em sua consciência infinita. Eram apenas fragmentos de uma história interminável que Ele assistia, fascinado.

Nas vielas escuras das cidades, criminosos tramavam golpes, políticos manipulavam discursos, mães choravam por filhos perdidos. Para Ele, tudo era espetáculo. Quando uma criança nascia, Ele observava com interesse, acompanhando o desenrolar de sua vida, vendo-a crescer, tropeçar, se erguer, se apaixonar e, inevitavelmente, perecer. Como um leitor que folheia um livro, Ele se divertia ao testemunhar os desdobramentos de cada enredo.

Em uma aldeia remota, uma jovem chamada Lía sonhava em escapar da miséria. Seus olhos refletiam esperança, sua alma ansiava por liberdade. Deus a viu lutar contra as adversidades, observando cada escolha

que ela fazia, cada pequena decisão que alterava seu destino. Ele não a ajudou nem a impediu de seguir seus caminhos. Apenas assistiu.

Do outro lado do mundo, um tirano conquistava terras e subjugava povos. Suas mãos estavam manchadas de sangue, sua ambição não conhecia limites. Ele clamava aos céus, mas nunca recebia resposta. Pois Deus não interferia. Ele apenas via a ascensão e a queda de impérios, maravilhado com a previsível repetição da história.

Havia um velho chamado Efraim que dedicou sua vida à fé. Ele jejuava, rezava e pregava palavras de amor e redenção. Mas no fundo de sua alma, havia uma dúvida: por que Deus não respondia? Ele morreu com essa dúvida, e Deus, impassível, apenas acompanhou sua última respiração, como alguém que vê o apagar de uma vela.

O tempo avançava, civilizações nasciam e morriam, eras se erguiam e desmoronavam. Cada guerra, cada descoberta, cada milagre e cada tragédia eram apenas mais um episódio da grande narrativa que se desenrolava diante d'Ele. Para os humanos, a vida era uma sucessão de desafios e incertezas. Para Deus, era uma eterna distração.

Havia artistas que criavam pinturas grandiosas, poetas que escreviam versos imortais, cientistas que desvendavam os mistérios do universo. Eles buscavam significado, buscavam ordem. Mas Deus não lhes concedia resposta, apenas contemplava suas tentativas,

entretido como alguém que vê uma criança tentando decifrar um enigma sem solução.

E quando o planeta começou a definhar, quando os mares se tornaram tóxicos e o ar se encheu de veneno, quando os homens começaram a cair uns sobre os outros na luta por sobrevivência, Deus não se comoveu. Não houve punição divina, nem salvação milagrosa. Ele apenas observou, como um leitor que vê as páginas finais de um romance inevitável.

No último suspiro da humanidade, quando o silêncio enfim tomou conta do mundo, Ele fechou os olhos por um instante. Depois os abriu novamente, procurando algo novo para assistir.